

Tragédia na Escola Municipal Tasso da Silveira, Realengo, Rio de Janeiro

Carta aos pais, aos trabalhadores e à juventude

8 de abril de 2011

Nós, militantes do Partido Operário Revolucionário (POR), recebemos com aguda tristeza a notícia do assassinato de 11 crianças e a morte do infeliz matador Wellington Menezes Oliveira.

Não há quem conserve um pingo de humanidade nesta sociedade tão desumanizada que não tenha prontamente se comovido, sentido ódio ao assassino e desejado trucidá-lo com as próprias mãos. Não temos dúvida de que a maioria dos brasileiros, que são trabalhadores e oprimidos, constitui a reserva que resta de humanidade. Por isso mesmo, se assombraram que tal violência praticada nos Estados Unidos pudesse se manifestar também no Brasil.

A pergunta coletiva foi – por quê? Quem é o monstro que entra em uma escola e despeja suas armas sobre crianças de 13, 14 e 15 anos? O que poderia levar um ser humano a tamanha ignomínia senão a loucura, a perversão e as drogas?

Certamente, não faltou o impropério da seita religiosa de que Wellington foi tomado pelo satanás. Não nos resta a menor dúvida de que o fuzilamento dos estudantes é obra de um brutal desequilíbrio mental que tomou conta do cérebro e dos nervos do atirador. Não foi nenhum ato terrorista, como chegou a aventar o governador do Rio de Janeiro. Tudo indica que o desequilibrado mental do bairro pobre do Realengo alimentou um ódio radical à sua própria vida e à existência dos demais.

Em sua carta, Wellington expôs seus “demônios” psíquicos. Os parentes e conhecidos os descreveram como tranqüilo e um solitário, confinado nas profundezas da internet. Um filho adotivo, de família operária, pais falecidos, cuja mãe o levou na adolescência a freqüentar a igreja Testemunha de Jeová. Um vizinho relatou ter ouvido que o rapaz estava envolvido com uma religião secreta. A irmã mencionou qualquer coisa de religião muçulmana. O que imediatamente levou a União Nacional das Entidades Islâmicas a desmentir a afirmação, tal é o medo de vincular o islamismo com o matador e este com o terrorismo. Mas é mais provável que Wellington tenha assimilado preceitos da religião Testemunha de Jeová do que do Islamismo. Mas as pregações sectárias contra a “fornicação”, contra o “adultério” e a favor da “pureza” e “castidade” – como comparecem na carta – não criam por si os doentes mentais, porém os alimentam em seus delírios psicóticos.

A tragédia que marcou a comemoração dos 40 anos da Escola Municipal Tasso da Silveira exige uma reflexão que não se limite a explicar o que é evidente ou a julgar o acontecido pela forma aparente do fenômeno. A loucura, as deformações de personalidade e decomposição do caráter que se manifestam no indivíduo, ao ponto de torná-lo um assassino coletivo e suicida, não se manifesta e nem se desenvolve no céu, no ar ou no éter.

O corpo doente se move na sociedade e dela a doença se nutre. Wellington estudou na Escola que ensanguentou na quinta-feira do dia 7/4, apresentou um bom currículo, foi incorporado à produção como operário ganhando o mísero salário mínimo, pediu demissão segundo a versão do patrão, estava desempregado, já não tinha a mãe adotiva, morava sozinho no

Realengo em uma casa da família e não tinha laços afetivos. Os que mais o conheciam notavam o seu estado de reclusão, mas o achavam normal e tranquilo. Pelo pouco que se informou, vemos que o rapaz desenvolveu a doença nessas condições sociais.

O “monstro” de apenas 23 anos não se fez da noite para o dia. A carta sectária e mística reflete não apenas o desvairo da mente doentia, mas os valores opressivos que permeiam a sociedade burguesa. É certo que não há uma correspondência mecânica entre os desequilíbrios das funções cerebrais e do complexo emocional com a ordem de preconceitos assimilados da religião. Mas não se pode ocultar que esses valores religiosos tornados sociais se convertem em parte da estrutura opressiva da sociedade de classe. Wellington os incorporou em sua doença psíquica e os nutriu como força destrutiva de si e de suas vítimas infantis. Poderia não ser a religião, mas teria de ser um valor repressivo e opressivo. Outros casos de matança coletiva assim o provam, como no do fuzilamento de alunos do grau médio da escola Columbine, no Colorado, Estados Unidos.

A matança no Realengo foi coberta pelo sentimentalismo espalhado pela imprensa e pelas autoridades. O sentimento autêntico de dor da população não combina com a hipocrisia burguesa. E uma maneira de torná-la prática é demonstrar e denunciar as raízes sociais da violência do indivíduo.

O capitalismo é uma fonte perene de exploração, desemprego, pobreza e miséria. É por essa senda que Wellington potenciou sua psicopatia. As condições sociais negativas foram inteiramente favoráveis à sua doença mental. O doutrinamento de seita reforçou os fatores de obscurantismo cultural e de opressão espiritual. Nada se contrapôs às relações de opressão que emanam da sociedade de classe, ou seja, da sociedade em que a minoria capitalista escraviza a maioria por meio da propriedade privada dos meios de produção e do Estado policial, das quais Wellington é um de seus produtos e pelas quais foi às últimas consequências, movido pela psicose.

A abundância de reclamações contra a violência não vai às causas primeiras. Uma sociedade em que persiste a exploração, aumenta a pobreza e aglomera a miséria nos centros urbanos, toda sorte de violência individual é possível. Felizmente, não é em todo o momento que um monstro salta à luz do dia para extravasar o ódio social. Mas o fenômeno pode aumentar. Não é por acaso que Wellington se tornou a besta criminosa do Rio de Janeiro e do bairro pobre do Realengo.

Poderia ser em qualquer centro urbano, sem dúvida. A particularidade do Rio está em que nessa megalópole a decomposição social está muito avançada. Há uma guerra social nos morros cariocas envolvendo a polícia e o narcotráfico. Ambos refletem o capitalismo decadente, manifestando no seio e por cima das massas. A violência está disseminada nos bairros, nas escolas e nos lares. Sobre ela, levanta-se um ramo da indústria cultural (ou melhor, da barbárie).

As crianças que se encontravam na sala de estudo pagaram um tributo à sociedade de classe. Essa é a mais dura verdade. Os seus pais pagam triplamente: sofrem como explorados, perdem seus filhos e carregam a dor para sempre. A melhor e única forma de compartilhar desse dilaceramento humano é lutar contra a exploração do trabalho, a miséria e toda sorte de opressão espiritual.

A presidenta Dilma Rousseff, inconformada, marejou os olhos d'água e decretou três dias de luto. Por mais alguns dias, ainda haverá lamento às tenras vidas inesperadamente ceifadas. Certamente, logo cairá no esquecimento.

Não faltaram vozes exortando que a solução está no desarmamento da população. E que as escolas devem ser militarizadas, com ostensiva presença da polícia. Estão aí algumas das explicações e sugestões que obscurecem o acontecido. Nenhum Estado tirará as armas do mercado, porque não fechará a indústria armamentista. Nenhum cerco policial evitará que a violência espalhada em toda parte adentre pelas portas e muros das escolas. O que não falta é o Estado policial, responsável por um assombroso número de mortes. Dias antes da matança em Realengo, policiais paulistas foram flagrados executando um homem em um cemitério. As execuções são antigas práticas do braço armado do Estado.

A expansão da violência indica que não é caso de polícia. Trata-se de um problema que será resolvido no âmbito da política. A burguesia não tem como solucioná-lo, assim o agrava com o Estado policial. Para cercar a violência e, finalmente, erradicá-la é preciso transformar a base econômica da sociedade e iniciar o processo histórico de extinção das classes sociais. A classe operária tem essa tarefa. Depende de construir seu partido revolucionário. A propriedade privada dos meios de produção deve se converter em propriedade coletiva, de forma que a distribuição socializada da riqueza atenda as necessidades da sociedade e não mais do capital.

Eliminemos a exploração do trabalho eliminando as relações capitalistas de produção, assim, reumanizaremos a sociedade. A violência do indivíduo começará a ser erradicada com a erradicação da violência da classe burguesa sobre a classe operária e a maioria oprimida.

Em defesa da vida, lutar pela revolução proletária!